



## Relato de Experiência

### Nos bastidores do feminicídio: Olhando embaixo do tapete das comunidades eclesiais

Behind the scenes of femicide: Looking under the carpet of ecclesial communities

Zaraí Gonzalía Polanco\*

**Resumo:** A experiência de uma mulher, esposa de um líder eclesial, vítima de violência doméstica e também institucional/religiosa por parte dos líderes da comunidade onde participava e que, por pouco, passou a ser mais um número nas estatísticas de feminicídio, é a que dá origem a este texto. Ela é o ponto de partida que permite direcionar o olhar para a base do iceberg da violência no interior dos lares cristãos. Usando este exemplo e também outras situações afins à violência contra as mulheres acontecidas em espaços eclesiais, se tenta fazer visíveis alguns dos detalhes violentos que se dão de forma velada no interior das famílias e comunidades, e contra os quais se deve agir. Acredito que experiências como estas oportunizam a percepção, sensibilização e análise das situações de violência presentes nos ambientes eclesiais donde participamos; permitem refletir sobre as atitudes da comunidade e, em especial, de parte da liderança que, por vezes, são coniventes, autoritárias e negligentes, contribuindo, desta forma, para o sustento das estruturas de violência e para o aumento das estatísticas alarmantes de feminicídio. Fazer visíveis estes tipos de experiências também possibilita a percepção da forma sutil como estas vão permeando as dinâmicas familiares e comunitárias; mas também, são um sinal de alerta que deve promover a prática de ações de denúncia a favor da dignidade, integridade e da vida das mulheres.

**Palavras-chave:** Violência eclesial. Violência intrafamiliar. Abuso de poder. Feminicídio.

**Abstract:** The experience of a woman, ecclesial leader's wife, victim of domestic as well as institutional / religious violence by leaders of the community in which she participated, and who, by a lither didn't became another number in femicide statistics, is what gives rise to this text. It serves as a starting point and allows to direct or look at the bottom of the iceberg of violence within Christian homes. Using this example as well as other situations in cases of violence against women occurring in ecclesiastical spaces, one tries to make visible some of the violent details that take place in a hidden way veiling within families and communities and against which one must act. I believe that experiences such as these, enable the perception, sensitization and analysis of

\* Mestra e Doutoranda em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST. Bolsista da CAPES. Contato: zaraigonzaia@gmail.com



situations of violence present in ecclesial environments in which we are present; it propitiates reflection on the attitudes of the community and in particular part of the leadership, which are sometimes conniving, authoritarian and negligent, thus contributing to the sustaining of violent structures and the increase in alarming femicide statistics. Making this kind of experience visible also allows for the perception, of the subtle way in which these violence permeate family and community dynamics; but also, they are a warning sign that should promote the practice of actions of denouncing in favor of dignity, integrity and life of women.

**Keywords:** Ecclesial violence. Violence within the family. Power abuse. Femicide.

## Introdução

Uma comunidade eclesial pode ter diferentes significados para muitas mulheres. Para algumas, pode representar algo positivo, como por exemplo: um novo nascimento, uma nova oportunidade ou um estilo de vida; enquanto que para outras, pode representar algo negativo e ser sinônimo de um pesadelo. Estas percepções se dão por vários fatores e, neste caso, a experiência que será apresentada faz parte dos casos em que a comunidade tem representado uma experiência negativa e cujo objetivo é dar visibilidade a uma problemática, cada vez mais comum, como é a violência contra as mulheres presentes nestes espaços, a qual também permeia os espaços familiares.

Por um lado, pode-se dizer que existe um grande velo criado e sustentado por parte da liderança de certas comunidades eclesiais em relação ao tema da violência ao interior delas e dos lares cristãos e, pelo outro, parece existir uma espécie de medo entre os e as participantes das mesmas, assim como também entre os pesquisadores e as pesquisadoras, frente às consequências que possam decorrer, caso decidam denunciar ou pesquisar sobre essa temática nestes espaços. Na verdade, existem diversos fatores determinantes que terminam favorecendo esta situação.

E foi exatamente isto o que aconteceu no caso de uma mulher de 39 anos, esposa de um líder eclesial, vítima de violência doméstica e também institucional/religiosa por parte dos líderes da comunidade, a quem tive a oportunidade de acompanhar, durante um curto período, na etapa final do seu caminhar na luta pela sua vida, rumo a sua libertação.

Este texto pretende apresentar mais um caso de violência intrafamiliar dentro de um lar cristão, com o propósito de continuar no empenho de fazer visível esta crua realidade que, a cada dia, afeta a integridade de milhões de mulheres ao redor do mundo inteiro, em espaços onde se supõe que casos desta natureza são inadmissíveis. Acredita-se que o relato desta experiência constitui um intento que pretende aportar no processo de conscientizar, desmascarar e denunciar estes comportamentos abusivos e violentos. Em outras palavras, contribui a desmitificar a ideia de



que os lares, pelo simples fato de serem considerados lares “cristãos”, são lugares seguros onde estes tipos de situações não existem.

Com isto, se afirma que existe sim, violência contra as mulheres ao interior de muitos lares e comunidades que se dizem cristãs, e que este é um assunto que precisa de atenção e cada vez com mais urgência. Considera-se também válido mencionar que, ainda que a maioria dos casos conhecidos tenham se apresentado em comunidades de recorte pentecostal, neopentecostal e católico, também se tem conhecimento de casos acontecidos em comunidades protestantes.

Devido à complexidade do assunto, a principal intencionalidade aqui é tentar conscientizar dos casos de violência intrafamiliar cada vez mais frequentes, dos índices de feminicídio cada vez mais altos e da responsabilidade, fundamental, que as comunidades e suas lideranças têm no combate deste flagelo que atinge a sociedade em geral.

### O lado visível do iceberg

A cada dia são maiores os casos de mulheres que procuram ajuda para lutar contra atos de violência no interior das comunidades, só que, muitas vezes, estas queixas não recebem a atenção devida, sendo esquecidas, invisibilizadas ou menosprezadas intencionalmente. A violência contra as mulheres no interior dos lares cristãos é um assunto complexo que não se resolve só com valoração de casos, mas, que requer também da tomada de consciência desta complexa situação; fator de suma importância no processo de abordagem. Para entender melhor esta complexidade é preciso voltar o olhar, lá, na sua base, na sua origem. Sandra Duarte de Souza e Claudia Poleti Oshiro descrevem da seguinte forma o que acontece nesses espaços:

No âmbito das religiões, cujas ações contra a violência doméstica, quando existem, se concentram majoritariamente no tratamento dos efeitos dessa violência, **não adentrando nas causas que a geram, inclusive na cumplicidade da própria religião para o exercício e perpetuação da violência.** A recente iniciativa de alguns centros de atendimento a mulheres em situação de violência de registrar também a religião professada e frequentada por elas e de perguntar sobre a existência ou não de interferência religiosa no conflito vivido, **tem indicado um contingente bastante alto de mulheres evangélicas cujas justificativas para permanecer ou para romper com relacionamentos violentos passa pela influência da Igreja em suas vidas.**<sup>1</sup> (Grifos da autora deste texto)

Quando conheci a protagonista desta experiência, a quem chamarei Tania, era uma jovem mãe de dois meninos e uma menina, e trabalhava como faxineira numa comunidade eclesial. Era uma mulher muito discreta, calada, que quase não se relacionava com as pessoas e que se dedicava com extrema vontade a seu trabalho. Às vezes pensava que se dedicava demais.

<sup>1</sup> SOUZA, Sandra Duarte de; OSHIRO, Claudia Poleti. Mulheres evangélicas e violência doméstica: o que o poder público e a igreja têm a ver com isso? *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 203-219, jul./dez. 2018, p. 204.

Seu olhar era vago, triste e, muito poucas vezes, sorria. Dava a impressão de ser simplesmente uma jovem tímida, que vestia saias longas e usava o cabelo comprido até suas costas, por uma opção pessoal.

Pouco depois, comecei a compreender como a violência psicológica impacta na valoração que as mulheres têm de si, dos seus corpos e de suas capacidades, gerando medo, desesperança e promovendo também a sujeição aos sistemas opressivos. Entre café e café fui descobrindo qual o verdadeiro motivo da sua aparência e sua suposta timidez que, na verdade, eram apenas fruto do seu medo. Nunca imaginei que essa jovem já tivesse vivido tantas situações de maltrato e violência.

Aos seus curtos 22 anos, Tania já tinha sido assediada pelo seu padrasto, acusada pela sua mãe de ser a provocadora das ações do seu companheiro, tinha fugido de casa (aos 14), engravidado (aos 15), ficado viúva (antes de nascer seu primeiro filho) e, tinha se casado de novo, só que desta vez, com o pastor de jovens de uma igreja pentecostal, com quem, inicialmente, pensou que tinha pegado o céu com as mãos. Dele, tinha mais uma menina e um menino. Seu casamento de conto de fadas durou pouco e agora, segundo ela, tudo era uma farsa, porque pouco depois de se casar, começou seu inferno. Seu marido a traía, a maltratava verbal e psicologicamente e não lhe permitia sair de casa, nem se maquiar nem outras tantas coisas. Agora ela era a esposa do pastor, dizia ele. Com o passar do tempo, a violência aumentou. Ele a agredia física e sexualmente, além de ameaçá-la, caso ela viesse a contar algo do que acontecia. Sua mãe e amigas insistem que ela deve denunciar o que acontece às autoridades competentes, mas ela tem medo.

Inconformada, decepcionada e cansada de aguentar em silêncio, passado um tempo, Tania decidiu que queria se separar de seu esposo; então, procurou ajuda e conselho com os líderes da sua comunidade, mas nunca esperou pela resposta recebida. A opção que estes deram para ela foi que devia se submeter à autoridade do seu marido, porque ele era a cabeça da família; que o que Deus tinha unido o homem não podia separar; que devia pensar que o marido era um líder da comunidade e que, caso se separasse, estaria se expondo ao castigo divino. Tudo isto, não sem antes perguntar pra ela o que poderia ter feito, ou estar fazendo, que estivesse incomodando seu marido. Tania ficou apavorada, permitiu que seu marido voltasse e continuou aguentando em silêncio. Sua mãe, amigas e até sua ex-sogra (avó do seu primeiro filho), a aconselham para que tome muito cuidado com essa situação.

Priscilla Singh afirma que:

Quando a mulher que sofreu abuso procura alternativas, aconselhamento ou solidariedade junto a lideranças e instituições religiosas, um atendimento



inadequado e ineficaz faz com que ela se sinta desamparada, traída e revoltada. Pergunta-se: 'Onde está Deus em minha dor, e para que serve a igreja?'<sup>2</sup>

Estas últimas perguntas também foram perguntas recorrentes nas conversas com a Tania, que entre café e café, aos poucos, continuou a se abrir, e contou como começou a participar de forma tímida, como expectadora, e quando seu trabalho lhe permite, em algumas das atividades para mulheres realizadas na comunidade em que agora trabalha. Ela estava muito chocada com tudo que até agora tinha vivido e a igreja já não tinha o mesmo significado para ela. Algum tempo depois, Tania tomou a decisão de falar com alguém sobre sua situação, e é então que esta jornada de escuta, no desejo de sair dessa situação, começa. Depois de dois anos de separação, de ter apresentado vários boletins de ocorrência por agressões e com uma medida protetiva contra seu esposo, ela é agredida brutalmente por ele depois da festa de aniversário de sua filha. Tania quase perdeu a vida. Afortunadamente foi socorrida a tempo. Depois desta tentativa de feminicídio, ela acionou novamente as autoridades pertinentes e iniciou o processo de divórcio. Com a participação nas atividades das mulheres desta nova comunidade, com o apoio da sua mãe, amigas e também a orientação de profissionais na área jurídica e psicológica, ela, finalmente, conseguiu o divórcio. A caminhada da Tania pela sua libertação durou mais ou menos dez anos.

No processo de escuta da Tania, muitas vezes pensei na enorme diferença que uma pequena ação ou palavra pode fazer a favor da vida. E lembrava também da atitude de Jesus, que com seu gesto, aparentemente ausente e sua sábia intervenção, conseguiu evitar a morte da mulher "adúltera". O caso da Tania foi uma oportunidade importante para o exercício da escuta atenta e dedicada. Por um lado, era muito bom poder escutá-la, rir e chorar juntas e, no final da escuta, ouvi-la dizer: "Que bom falar com você, obrigada". Isso não tem preço. Por outro lado, muitas vezes foi frustrante sentir a impotência frente a muitas das situações, especialmente de omissão por parte das diversas autoridades, que a afetavam diretamente. Mesmo assim, era reconfortante saber que o simples fato de estar disposta a ouvi-la já fazia uma diferença enorme e, pensava também, na importância destes espaços de escuta nas comunidades. Sou grata a Deus por me permitir aportar um grãozinho de areia neste processo.

### **O lado "oculto" do iceberg: a violência ao interior das comunidades e lares cristãos**

Quando se fala de violência no interior dos lares cristãos, parece até incrível que isto seja uma realidade que a cada dia atinge mais e mais crianças, jovens e mulheres, nestes espaços. Casos como os de Tania não são alheios a estes ambientes, mas sim, são situações que ainda são tratadas com receio, de forma "oculta", tanto pela família, quanto pela comunidade e sua

<sup>2</sup> SINGH, Priscilla. *As igrejas dizem "NÃO" à Violência contra a Mulher: Plano de ação para as igrejas*. São Leopoldo; Sinodal, 2005.



liderança. Como menciona Teresa Martinho Toldy: “Parece existir, realmente, um *cânone da opressão*, que, nas religiões monoteístas, passa pelos livros sagrados e pelas suas interpretações e reinterpretações por parte das instâncias emissoras dos discursos oficiais (sempre masculinas!)”.<sup>3</sup>

Sim! Ainda hoje, em muitas comunidades cristãs, continua se pregando que “o amor tudo vence, tudo suporta, tudo crê, etc.”<sup>4</sup>, e que “o que Deus uniu ninguém o separe”<sup>5</sup>, porém, não como uma responsabilidade e compromisso mútuos de respeito e integridade, mas, sim, em muitos casos, como uma forma de subjugação, opressão e fortalecimento das diversas estruturas que agem a favor da violência contra as mulheres. Estas estruturas, segundo a perspectiva de Souza e Oshiro, estão relacionadas também, com as complexas estruturas de tipo piramidal que dominam as esferas política, econômica e de gênero; de subordinação e estratificação da sociedade: “estruturas nocivas de poder ao interior dos lares e da sociedade como um todo.”<sup>6</sup>

São cinco os tipos de violência (física, moral, sexual, psicológica e patrimonial), os que compõem o iceberg da violência contra a mulher. Nestas se apresentam infinidade de situações como, por exemplo: empurrar, chutar, amarrar, cuspir, bater, isolar, gritar, humilhar em privado e em público, insultar, perseguir, difamar, caluniar, ser impedida de trabalhar, ser injuriada ou ser pressionada para fazer sexo, reter seu dinheiro, negar o direito ao uso de qualquer contraceptivo e exigir comportamentos sexuais indesejados, ser chamada de burra, ignorante, vagabunda, débil mental ou qualquer outro qualificativo ofensivo. Ser vítima de chantagem emocional ou psicológica; ameaças de tirar os filhos, matar você ou alguém da sua família. Sufocar, ameaçar com faca, arma ou qualquer objeto. Negar o alimento, trancar no quarto ou em casa, impedir de ver suas amizades, sua família, puxar os cabelos e beliscar. Dar tapas, socos, impedir o acesso a comunicação, ridiculizar, fazer piadas ofensivas; sofrer de assédio e extrema vigilância, proibir usar um ou outro tipo de roupa, maquiagem ou corte de cabelo. Frases como: ninguém vai acreditar em você; aqui quem manda sou eu; se você contar você vai saber quem sou eu de verdade; eu sou a cabeça desta família e você me deve respeito e obediência, ou ainda, não me provoca porque não respondo, entre tantas outras que também fazem parte deste universo.

Todas estas atitudes e comportamentos, em maior ou menor escala, estão presentes ou fazem parte dos ambientes de violência no interior dos lares. Todas elas fazem parte do iceberg invisível ou, por vezes, velado da violência contra mulheres e crianças, que sustentam e fortalecem a estrutura do feminicídio. A maioria delas, quando exercidas, causam medo e

<sup>3</sup> TOLDY, Teresa Martinho. A violência e o poder da(s) palavra(s): A religião cristã e as mulheres. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 89, p. 171-183, jun. 2010.

<sup>4</sup> BIBLIA ONLINE. *1ª Coríntios* 13. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/busca?q=1%C2%AA+Corintios+13>>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>5</sup> BIBLIA ONLINE. *Mateus*, 19:6. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/mt/19/6>>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>6</sup> SOUZA; OSHIRO, 2018.

paralisam as vítimas, ao ponto de impedir a tomada de atitudes ou ações de defesa ou denúncia. Para piorar, muitas delas contam com a conivência o descaso e a omissão de parte das lideranças tanto eclesiais, quanto governamentais.

É muito triste reconhecer que muitas mulheres no interior de lares cristãos já experimentaram situações como estas; ou pior ainda, é reconhecer que, neste momento, podem ser muitas as que estão passando por elas e que não reagem por vergonha ou porque estão com medo de reagir. Outras sofrem caladas porque não encontram espaços de acolhida, nem nas comunidades, nem nos espaços públicos determinados para a atenção destas situações.

Isto foi o que aconteceu com Tania, quem vinha aguentando em silêncio por muito tempo os insultos, tapas, chutes e todos os diversos tipos de violência (física, psicológica, moral, patrimonial e sexual) por parte de seu esposo e que, quando finalmente tomou um pouco de coragem e decidiu procurar ajuda com os líderes da sua comunidade, o que encontrou foi um grupo de pessoas preocupadas com a aparência, sobre o que dirão da comunidade e a reputação do líder, mais do que com sua vida, que se encontra em risco.

### Sinais de alerta “ao redor” do iceberg de violência nos lares cristãos

A influência nefasta das dinâmicas religiosas também pode ser percebida nos seguintes exemplos, mencionados no texto de Anete Roese<sup>7</sup>. A autora apresenta algumas situações vividas por mulheres que faziam parte de comunidades eclesiais, em São Paulo, e que bem podem servir de ilustração sobre a presença de situações de violência no interior dos lares cristãos, que mereceriam mais atenção, mas que passam despercebidas. Ela menciona:

Em certa ocasião, fui chamada para trabalhar com **um grupo de mulheres pertencentes a diferentes tradições religiosas** da região metropolitana da cidade de São Paulo. As coordenadoras do trabalho **estavam convencidas da necessidade de tematizar o tema da violência doméstica. Mas estavam muito receosas sobre o modo de abordar o tema com mulheres de igreja.** Na verdade, **elas temiam que, ao final de um encontro que duraria um final de semana, muitas mulheres poderiam pedir o divórcio [...]** estávamos em retiro, num belo sítio afastado da cidade. As mulheres **havam conseguido, algumas pela primeira vez e com muito esforço, sair de casa para o encontro. Muitas delas haviam deixado toda a comida preparada ou encaminhada para o marido e os filhos de modo que ninguém pudesse dizer que haviam abandonado sua família naqueles dois dias [...]** Lemos cuidadosamente o texto de 2ª Samuel 13, o relato do estupro de Tamar [...]. O que mais me surpreendeu naquele dia é que elas já foram contando e costurando as histórias pessoais com a de Tamar [...] sem que eu introduzisse esse aspecto. Foi natural. **E as histórias iam dizendo que o que houve com Tamar já tinha acontecido na família delas e eram referências que iam desde o avô, ao pai, ao tio, ao irmão, e chegavam**

<sup>7</sup> ROESE, Anete. A abordagem feminista do cuidado espiritual e psicoterapêutico. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 288-305, jul./dez. 2010.



**às relações de casamento delas e no cotidiano delas e das filhas e dos filhos delas etc.<sup>8</sup> (Grifos da autora deste artigo)**

Um pastor reage em carta apontando a violência sofrida por mulheres de dois grupos da igreja, da qual ele nunca suspeitou até fazer uma simples pesquisa no grupo e descobrir que 60% das mulheres já haviam sofrido algum tipo de violência.<sup>9</sup>

Agora, olhando com um pouco mais de atenção estes dois parágrafos, é possível perceber várias situações alarmantes. Por um lado, está a certeza de parte das coordenadoras do evento da necessidade de abordar esta temática; por outro, o receio na forma em que esta situação possa ser abordada. Isto, além de comprovar a existência do problema, evidencia, também, que este já não faz parte só do âmbito privado dessas mulheres e que, ainda assim, existe o “receio” para enfrentá-lo. Além disso, há indícios de que a situação é grave porque as coordenadoras também tinham temor de que, no final do encontro de dois dias, “muitas mulheres poderiam pedir o divórcio”. A questão é: tão grave era o assunto que, no final, as mulheres poderiam pedir o divórcio? Sem dúvida, a situação era tão evidente para as coordenadoras, que estava exigindo uma intervenção realmente imediata. Outro detalhe alarmante é revelado na frase: “muitas, e *com muito esforço, pela primeira vez*, haviam conseguido sair de casa para o encontro.” O que quer dizer esta frase? Por que a dificuldade em poder sair de casa? Tão absorvente eram as atividades do lar que as impediam de sair, ou este empecilho poderia ter outros motivos? Talvez uma proibição explícita? Lembrando que as ações violentas incluem também a privação de liberdade das mulheres ou a chantagem. Complementando a frase anterior, aparece: “Muitas delas haviam deixado toda a comida preparada ou encaminhada para o marido e os filhos.” Isto, por um lado, pode se entender como algo muito natural ou próprio de quem é responsável e quer o melhor para sua família, mas, vindo acompanhado da frase subsequente “de modo que ninguém pudesse dizer que haviam abandonado sua família naqueles dois dias”, já deixa vislumbrar outras possíveis situações.

Além disso, será que um homem corre risco de morrer de fome se sua esposa não cozinha por dois dias ou está, acaso, isto mostrando também algum tipo de chantagem? Além disso, poderia ser perguntado: por que a ausência temporária e informada da esposa, para uma atividade “da comunidade” e com mulheres de comunidades, poderia supor um possível abandono do lar, ou ser aproveitada como uma oportunidade para abandonar o lar? Finalmente, durante as atividades do encontro se revela a verdadeira realidade destas mulheres: “E as histórias iam dizendo que o que houve com Tamar já tinha acontecido na família delas e eram referências que

<sup>8</sup> ROESE, 2010, p. 300-301.

<sup>9</sup> ROESE, 2010, p. 290.



iam desde o avô, ao pai, ao tio, ao irmão, e *chegavam às relações de casamento delas e no cotidiano delas e das filhas e dos filhos delas.*<sup>10</sup>

Evidentemente, as coordenadoras tinham motivos para ter temor. A situação era realmente delicada. Situações de violência no interior dos lares cristãos é um assunto ainda muito delicado de se enfrentar, principalmente devido às retaliações que podem ocorrer (Tania, por exemplo, era ciente disto); mas são ações que devem ser enfrentadas, elas fazem parte do nosso labor como anunciantes das “Boas Novas”, elas podem fazer a diferença entre a vida e a morte.

No segundo parágrafo, a surpresa do pastor ao descobrir, através de uma ação aparentemente simples, que mais de 60% das mulheres da congregação tinham sofrido violência, é outro dado que ajuda na visibilidade deste flagelo e, como é importante empreender ações não só para o descobrimento delas, ainda em espaços considerados inusitados ou até inconcebíveis, como também, a necessidade de agir contra ele.

Estas pequenas ações ajudam na desconstrução da crença de que os lares cristãos são lugares onde estas situações não acontecem. Contudo, não basta dizer que é imensamente preocupante o que foi descrito até aqui; o que realmente é preocupante é compreender que muitas destas situações, onde os sinais são tão visíveis, continuam acontecendo ao nosso redor, sem que sejam tomadas medidas efetivas.

### **Teologia feminista como ferramenta para desmascarar a função opressiva da teologia patriarcal**

Existe, portanto, uma extensa lista de textos bíblicos que descrevem atos de violência contra as mulheres, com a qual muitos e muitas pretendem justificar a hierarquização do poder e a suposta inferioridade ou submissão da mulher em relação ao homem. Uma das formas nas quais é usado essa lista de textos é para defender a complexa estrutura piramidal de domínio e de subordinação, estratificada segundo questões culturais, de classe, de raça, religião ou sexo; entretanto, outra perspectiva aponta a sua importância na luta pela libertação dos esquemas religiosos opressores impostos pela tradição androcêntrica cristã. Esta é a perspectiva adotada pela teologia feminista, que cumpre uma função amplamente significativa na reconstrução da identidade, dignidade e libertação feminina, assim como na desconstrução dos modelos patriarcais e androcêntricos.

Seguindo a Fiorenza, Toldy propõe que na teologia feminista é de vital importância as hermenêuticas de textos que transluzam o modo de agir do sistema patriarcal, de modo que forneçam as ferramentas necessárias que permitam retomar os fios perdidos que os textos não retratam, sendo que “o objetivo é a reformulação retórica do lugar das mulheres nos textos,

---

<sup>10</sup> Destaques da autora deste texto.

resultante da sua leitura e interpretação pelas próprias mulheres.”<sup>11</sup> Neste sentido, são importantes as hermenêuticas que incluem as experiências e o corpo das mulheres. As hermenêuticas feministas. Porque, como afirma Seibert Ute: “*Partir do corpo*, para ler a realidade, dos textos sagrados e as tradições religiosas, tem sido a ousadia hermenêutica que leva a novas interpretações da Bíblia e da teologia.”<sup>12</sup> Sendo assim, diversos tipos de hermenêuticas feministas (da suspeita, feminista crítica, da proclamação, da imaginação, crítica libertadora, da memória, da atualização criativa, do desejo, etc.; e alguns modelos, Hermenêutica feminista negra, indígena, entre outras)<sup>13</sup>, permitem leituras críticas e criativas que evitam revestir os textos patriarcais de divindade, e ainda, propõem uma reconstrução não androcêntrica da história das mulheres.

Toldy concorda amplamente com Fiorenza no sentido de que a “*igreja das mulheres*” constitui o contexto desta reinterpretação ou recriação, para a qual se transferem tanto a autoridade, quanto a interpretação dos textos<sup>14</sup>. Paraphraseando as palavras da Fiorenza, Toldy menciona que: “São os [as] leitores[as] os[as] que escolhem a forma como querem ler os textos, valorizando a vertente ou tendência dos mesmos que corresponde aos seus interesses.”<sup>15</sup> Noutras palavras, isto significa uma leitura que dê visibilidade àqueles detalhes silenciados intencionalmente. No sentir de Fiorenza, o que a teologia feminista tenta fazer é:

Desmascarar a função opressiva da teologia patriarcal [...] articula como núcleo da sua problemática, o modo em que a linguagem androcêntrica, a estrutura teórica e a investigação teológica atuam, para apoiar e perpetuar as estruturas patriarcais da Igreja, e se mantem com o apoio de uma determinada teologia androcêntrica, ou seja, masculina [...] trata de romper os silêncios, as inconseqüências, as incoerências e os mecanismos ideológicos da história e a investigação androcêntricas, a fim de recuperar o que pertence às mulheres no passado patriarcalista.<sup>16</sup>

## Considerações finais

Voltando para a experiência da Tania, das participantes do encontro e das mulheres que conformaram o 60% das mulheres que sofreram violência na pesquisa do pastor, é preciso

<sup>11</sup> TOLDY, 2010, p. 179.

<sup>12</sup> SEIBERT, Ute. *Hermenêutica bíblica feminista. Cómo conocemos la realidad. Koinonia*, Santiago de Chile, [s.d.]. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/412.htm>>. Acesso em: 20 out. 2019. “Partir del cuerpo’, para leer la realidad, los textos sagrados y las tradiciones religiosas, ha sido el atrevimiento hermenéutico que lleva a nuevas interpretaciones de la Biblia y la teología.” (tradução própria)

<sup>13</sup> SEIBERT, [s.d.].

<sup>14</sup> TOLDY, 2010, p. 179.

<sup>15</sup> TOLDY, 2010, p. 180.

<sup>16</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, Elizabeth. *Romper el silencio*. Madrid: Concilium 202, 1985, p. 303. “La teología feminista trata de desenmascarar la función opresiva [da] teología patriarcal [...] articula como núcleo de su problemática, el modo en que el lenguaje androcéntrico, el andamiaje teórico y la investigación teológica actúan, para apoyar y perpetuar las estructuras patriarcales de la Iglesia, y se mantienen con el apoyo de una determinada teología androcéntrica, es decir, masculina [...] La teología feminista trata de romper los silencios, las inconsecuencias, las incoherencias y los mecanismos ideológicos de la historia y la investigación androcéntricas, a fin de recuperar lo que pertenece a las mujeres en el pasado patriarcalista.” (tradução própria)

reconhecer que todas elas são mulheres que fazem ou que faziam parte dos ambientes eclesiais quando sofreram as violências. Não podemos, então, continuar a negar essa realidade. O assunto aqui é: por onde focar o silêncio e o medo, que sempre rondam as vítimas nesses casos de violência, e a negligência da liderança em atender esta situação? Ou mais, qual o motivo pela qual muitas lideranças de comunidades eclesiais continuam a ser coniventes com situações como estas? Além disso, mesmo que seja bem conhecido que estas situações se apresentaram principalmente em ambientes de corte pentecostal e neopentecostal, como apresentado por Roese, contudo, não são situações exclusivas destes espaços, como confirmado, por exemplo, nos trabalhos de mestrado e doutorado de Daniéli Busanello Krob<sup>17</sup>.

A experiência social, bíblica e religiosa, nos fala dos diversos tipos de violências exercidos contra as mulheres, só que, em alguns casos, é omissa em apontar as responsabilidades que a cada espaço lhe corresponde. Nossa tarefa, como proclamadoras das Boas Novas para as mulheres, requer de nós um trabalho minucioso, responsável, de denúncia e crítico das estruturas dominantes; mas também, requer que seja libertador dessas estruturas e, portanto, proclamador da vida em abundância.

Não se pode negar que, em muitas comunidades cristãs, as leituras dos textos bíblicos estão abarrotadas de intenções opressoras, excludentes, machistas e parcializadas, que se opõem à dignidade das mulheres. É nossa responsabilidade, como participantes ativos e ativas de espaços acadêmicos, sociais e principalmente religiosos, nos apropriarmos das diversas ferramentas que possam servir para enriquecer a hermenêutica em perspectiva feminista e em prol da defesa da vida das mulheres.

Seguindo a proposta de Marcia Blasi<sup>18</sup>, em relação a trabalhos que visam atender as necessidades específicas de violência contra as mulheres, alguns princípios que podem auxiliar no confronto destas situações são: primeiro: reconhecer a enorme influência do patriarcalismo e da depressão nas aflições e no sofrimento de mulheres. Segundo: reconhecer também que o relacionamento entre aconselhadora-aconselhante não é um relacionamento de reciprocidade, mas sim de igualdade. Ou seja, um relacionamento entre pessoas, “uma” com funções de cuidado e orientações para com “outra”, na igualdade que isto representa; contudo, da pessoa

---

<sup>17</sup> KROB, Daniéli Busanello. *Desconstruindo Amélias: musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica sob a ótica da teologia feminista*. 131 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/380>>. Acesso em: 16 dez. 2019. E também: KROB, Daniéli Busanello. *Violência doméstica contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso*. 175 p. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/765>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

<sup>18</sup> BLASI, Marcia. Aconselhamento Pastoral em perspectiva feminista: Princípios básicos. In: MUSSKOPF, André; BLASI, Marcia (Orgs.). *Ainda Feminismo e Gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: EST; CEBI; 2019, p. 227-244.



aconselhada, não se esperam as mesmas atitudes para com a pessoa aconselhante. Terceiro: é importante e necessário o apoio de um grupo, cujas experiências sirvam de base para o reconhecimento da injustiça para com outras pessoas e para com elas mesmas. Quarto: a perspectiva deste cuidado interpessoal, além de estar centrado na mulher, (já que as experiências de cada uma são particulares), deve ser abordado de forma crítica e relacionado com os valores e o conhecimento do mundo das mulheres. Finalmente, o trabalho deve contemplar o reconhecimento de que a psicologia tradicional e a teologia foram formuladas num contexto patriarcal, que sempre favoreceu a perspectiva masculina.

Muitas vezes ocupamos o tempo analisando e refletindo sobre as situações de violência extrema que o iceberg da violência deixa a vista em ambientes seculares, ou medianamente mostra ao público em ambientes eclesiais; porém, pouco nos interessamos por tentar olhar com atenção debaixo do iceberg, ao interior ou através da “água que o rodeia”. Tendemos a negar que existem situações violentas que podem ser percebidas com antecedência e, que se atendidas com prontidão e eficácia, poderiam evitar desenlaces trágicos. O caso de Tania prendeu minhas alertas nesse sentido e os trabalhos de Busanello e de Roese também constituem um alerta nesse mesmo sentido.

O Femicídio, além de uma questão de gênero, é resultado da falta de sensibilidade para com as situações de opressão, do abuso de poder e da negligência de homens e instituições governamentais, sociais e religiosas; da falta de políticas públicas eficientes e da conivência dos espaços eclesiais com este tipo de situações. À igreja corresponde o compromisso ético de propor iniciativas e prover espaços internos de proteção e cuidado para as mulheres em situações de violência. Corresponde a ela também desnaturalizar as diversas formas de violência, assim como promover a vontade política no avanço, fortalecimento, seguimento e esclarecimento de casos de violência intrafamiliar.

O feminicídio é mais do que “a ponta do iceberg” ou “a tragédia última” da espiral da violência em série, de todos os tipos, vivenciadas por muitas mulheres, dentro e fora dos espaços eclesiais e lares cristãos. O feminicídio é a soma de todas as tragédias dos espaços (familiares, eclesiais e sociais). Nossa responsabilidade é, então, mergulhar ao redor das estruturas que tentam “alimentá-lo” para, pouco a pouco, desde a raiz, fazer um trabalho de desestruturação e desinstitucionalização dos mecanismos violentos que tentam dominar a intimidade dos lares cristãos.

## Referências

BÍBLIA ONLINE. *1ª Coríntios 13*. Disponível em: <<https://www.biblionline.com.br/nvi/busca?q=1%C2%AA+Corintios+13>>. Acesso em: 20 out. 2019.



\_\_\_\_\_. *Mateus, 19:6*. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/mt/19/6>>. Acesso em: 20 out. 2019.

BLASI, Marcia. Aconselhamento Pastoral em perspectiva feminista: Princípios básicos. In: MUSSKOPF, André; BLASI, Marcia (Orgs.). *Ainda Feminismo e Gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: EST; CEBI; 2019.

KROB, Daniéli Busanello. *Desconstruindo Amélias: musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica sob a ótica da teologia feminista*. 131 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/380>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. *Violência doméstica contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso*. 175 p. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/765>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

ROESE, Anete. A abordagem feminista do cuidado espiritual e psicoterapêutico. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 288-305, jul./dez. 2010.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elizabeth. *Romper el silencio*. Madrid: Concilium 202, 1985.

SEIBERT, Ute. Hermenêutica bíblica feminista. Cómo conocemos la realidad. *Koinonia*, Santiago de Chile, [s.d.]. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/412.htm>>. Acesso em: 20 out. 2019.

SINGH, Priscilla. *As igrejas dizem “NÃO” à Violência contra a Mulher: Plano de ação para as igrejas*. São Leopoldo; Sinodal, 2005.

SOUZA, Sandra Duarte de; OSHIRO, Claudia Poleti. Mulheres evangélicas e violência doméstica: o que o poder público e a igreja têm a ver com isso? *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 203-219, jul./dez. 2018.

TOLDY, Teresa Martinho. A violência e o poder da(s) palavra(s): A religião cristã e as mulheres. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 89, p. 171-183, jun. 2010.

[Recebido em: novembro de 2019 /

Aceito em: dezembro de 2019]